

BIBLIOTERAPIA PARA IDOSOS: o que fica e o que significa

BIBLIOTHERAPHY FOR OLD AGE: what it is and what it means

**Rachel Barbosa de Castro¹
Edna Gomes Pinheiro²**

Resumo

O estudo pretende averiguar a contribuição que a Biblioterapia pode proporcionar aos idosos, no que tange as suas expectativas de vida e ao seu “isolamento” social, tendo na leitura um dos caminhos para a dignidade de vida humana. Percebe-se o quanto é relevante à inserção da leitura para grupos de indivíduos ausentes do lar, carente de família e amigos, que buscam a todo custo desnudar seus ideais, acreditando na certeza que podem voltar a ser felizes. Pesquisa realizada na AMEM (Associação Metropolitana de Erradicação da Mendicância), na qual são recebidas pessoas sem critérios de distinção, seja da ordem econômica, social, raça ou credo religioso. Na residem 47 idosos os quais são atendidos por 16 funcionários e voluntários de diversas áreas, principalmente da área da saúde. Foi utilizado como método de pesquisa a abordagem qualitativa, associada à técnica de escuta sensível e como instrumento de coleta de dados a entrevista, o gravador e o diário de campo. Enfatiza que a Biblioterapia surge como elemento propiciador de apoio emocional e psicológico com vista a melhorar a qualidade de vida dos idosos que vivem ausentes do lar, da família, e a resgatar a dignidade da pessoa humana.

Palavras-chave:

**BIBLIOTERAPIA
IDOSO**

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade. É também um dos nossos maiores desafios. Ao entrar no século XXI, o envelhecimento global causou um aumento das demandas sociais e econômicas em todo o mundo. Em se tratando do Brasil, podemos afirmar, que a população brasileira está envelhecendo assustadoramente e muitos de nós ainda continuam indiferentes a essa questão, talvez, pelo fato do Brasil ter sido considerado o país dos jovens, onde a juventude formava a maioria da população. Que devemos fazer e o que esperar de uma sociedade desiludidamente jovem que começa a envelhecer rapidamente? Que valores desaparecem e que outros surgem nesse constante processo de transformação? Estamos aceitando a velhice como um fenômeno social e estamos preparados para conviver com ele?

Ancorados no potencial dos idosos e no diálogo constante do ser humano com o mundo, encontramos conteúdos significativos e valores que nos levaram a realizar esse estudo, compreendendo que ao agir, o homem interage com o seu contexto e, à medida que

¹ Bibliotecária formada pela Universidade Federal da Paraíba.

² Profa. do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba. Orientadora do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) que originou esse artigo.

aprofunda certos valores e significados consegue descobrir novas possibilidades e outras realidades e, assim, modificar a própria vida. Todavia, para que essa atitude se concretize, é preciso recorrer a fenômenos vigentes no contexto social e no cultural.

Acreditamos que a *Biblioterapia* constitui uma forma expressiva desses fenômenos porque, pode atribuir sentidos à vida do idoso. no que diz respeito a questão da cidadania e Terceira Idade, analisando-a sem dissociá-la da situação econômica, social e política vigente, na expectativa da Terceira Idade conseguir ser cidadã de primeira classe.

Nessa perspectiva, entendemos que um estudo dessa natureza, que articula leitura com lazer e cultura, desenvolve o potencial criativo dos idosos, estimula a sensação de serem úteis à sociedade, tornando-os mais conscientes de sua cidadania, visto que “cada tempo da vida tem seu propósito e sua beleza.”(MAGALHÃES, 1987 p. 23)

Daí a tônica deste trabalho centrar-se na Biblioterapia, enfocando o idoso. Não é um estudo sobre memórias de velhos, nem tão pouco pretendemos discutir, o compasso social do tempo, mas tencionamos dar palavras a vozes que foram silenciadas, mostrar como caminhar e ver confundem-se nos labirintos das lembranças. Tratamos, portanto, de situações de vida de pessoas idosas que, diante dos seus limites, conseguem transformar os acasos do caminho em possibilidades, e na defensiva ante o preconceito e a falta de respeito, lutam para configurar a sua vida e dar-lhe um novo sentido, com a Biblioterapia. Assim, está incorporado o nosso objetivo central, estudar, na prática, como a Biblioterapia pode dar sentido à vida do idoso.

O VELHO, O IDOSO E A TERCEIRA IDADE

Na Antigüidade, a velhice era comparada ao inverno sombrio, frio e improdutivo, traduzindo uma desvalorização dessa etapa da vida. Em algumas sociedades, os velhos eram abandonados ou se abandonavam nos desertos, nas geleiras, para apressarem sua morte. (SINÉSIO, 1999).

Percebe-se assim, que para se ter uma velhice tranqüila, era preciso, encontrar piedade e compaixão nos outros e manter relações sociais significativas, pois a sociabilidade aparece como elemento principal do envelhecimento, haja vista o termo “velho” possuir uma conotação negativa ao designar, sobretudo, as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio.

Há três concepções de velhice, segundo Moragas (1997), a cronológica, a funcional e a etapa vital. Nesta última a velhice é mais equilibrada e moderna. Baseia-se no reconhecimento de que o transcurso do tempo produz efeitos na pessoa, que entra numa etapa diferente das vividas previamente. Esta etapa possui uma realidade própria e diferenciada das anteriores, limitada unicamente por condições objetivas externas e subjetivas. Segundo esse autor, a velhice, resultado do envelhecimento, é vulgarmente considerada como uma realidade que afeta somente uma parte da população, pois ela separa mais os idosos do resto dos concidadãos do que outros atributos cronológicos ou sociais. Suscita reações negativas e não é somente uma variável descritiva da condição pessoal do indivíduo, como a aparência física, o estado de saúde, entre outros aspectos.

Caracterizando toda a opressão que o nosso sistema econômico e a nossa estrutura social capitalista produzem, Simões (1998, p. 18) afirma que a expressão *velho* tem diferentes abordagens e pode significar:

Perda, deterioração, fracasso, inutilidade, fragilidade, decadência, antigo, que tem muito tempo de existência, gasto pelo uso, que há muito tempo possui certa realidade ou exerce certa profissão, obsoleto e não adequado à vida, dando impressão de que o velho vive improdutivamente e está ultrapassado pela nossa sociedade [...]. Convém. Ainda ressaltar que

a palavra ‘velho’ é utilizada normalmente como antônimo de jovem.. Algumas expressões como meu velho têm um caráter de intimidade, de camaradagem, de afeto.

Isso posto, eliminamos a idéia de coisa usada, e não nos deixa pensar a velhice como prenúncio de morte, mas como uma etapa da vida na qual, em decorrência da alta idade cronológica, ocorrem modificações biopsicossociais que afetam a relação do indivíduo com o meio. Assim Simões (1998, p. 29), “entende que a velhice não significa uma decadência e sim uma seqüência da vida.”

Na mesma linha de pensamos apontamos Salgado (1997, p. 18) quando propõe uma reflexão sobre a posição moral da categoria velho, afirmando que:

As sociedades precisam, urgentemente, reformular suas idéias sobre a velhice eliminando as posturas preconceituosas que tanto aviltam a dignidade que durante milênios de evolução, a espécie humana tem lutado para conquistar. É necessário que se prolonguem ou se criem oportunidades novas para os que envelhecem, mantendo-os ativos e participantes segundo suas condições psicofísicas para, com isso, devolver-lhes sua total dimensão.

Conforme a Organização Mundial da Saúde (2002), os países podem custear o envelhecimento se os governos, as organizações internacionais e a sociedade civil implementarem políticas e programas de “envelhecimento ativo” que melhorem a saúde, a participação e a segurança dos cidadãos e cidadãs mais velhos. Para essa instituição, as políticas e programas de envelhecimento ativo são necessários para permitir que as pessoas continuem a trabalhar de acordo com suas capacidades e preferências à medida que envelhecem, e para prevenir e retardar incapacidades e doenças crônicas que são caras para os indivíduos, para as famílias e para os sistemas de saúde.

É aqui precisamente que detectamos o miolo essencial deste estudo: ao darmos existência a Biblioterapia implementando atividades de envelhecimento ativo, através da leitura e de atividades lúdicas como coadjuvantes na melhoria da qualidade de vida dos velhos e idosos, articulando ação com participação.

BIBLIOTERAPIA: A ARTE DE ENCANTAR

O uso da leitura com objetivo terapêutico é antigo e muitos registros atestam essa utilização. No antigo Egito, o Faraó Rammsés II mandou no frontispício de sua biblioteca “Remédios para a alma” (ALVES, 1982), e as bibliotecas egípcias ficavam localizadas em templos denominados de “casas de vida” como locais de conhecimento e espiritualidade. Entre os romanos, Aulus Cornelius Celsus também associou a leitura com tratamento médico, ao recomendar a leitura e discussão das obras de grandes oradores como recurso terapêutico no desenvolvimento da capacidade crítica dos pacientes (ORSINI, 1982). “Tesouro dos remédios da alma” era a inscrição que havia na biblioteca da Abadia de São Gall, durante a Idade Média (ALVES, 1982).

Também os gregos fizeram associação de livros como forma de tratamento médico e espiritual, ao conceberem suas bibliotecas como “a medicina da alma”. O Hospital Al Mansur, em 1272, recomendava leitura de trechos escolhidos do Alcorão como parte do tratamento médico (MARCINKO, 1989). Como é possível perceber, muitos indivíduos, em épocas diferentes, já haviam descoberto o valor da leitura como um agente de transformação. A dedicação de alguns religiosos possibilitou o ressurgimento do uso terapêutico da leitura em hospitais para doentes mentais no século XIX. Em 1802, Benjamin Rusch foi o primeiro pesquisador norte-americano a recomendar a leitura para doentes de um modo geral, e em 1810 também recomendou a Biblioterapia como forma de apoio à psicoterapia para pessoas portadoras de conflitos internos, depressão, medos ou fobias, e também para idosos (ALVES, 1982).

Mas o que é Biblioterapia? Biblioterapia é um termo derivado das palavras latinas para livros e tratamento. *Biblio* é a raiz etimológica de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e *terapia* significa cura ou restabelecimento.

A partir da década de 30, a Biblioterapia se firmou definitivamente como um campo de pesquisa, destacando-se as biblioterapeutas Isabel Du Boir e Emma T. Foreman, principalmente esta última, que insistiu para que a Biblioterapia fosse vista e estudada como uma ciência e não como arte (ORSINI, 1982).

Em 1942, encontramos a pesquisadora Ilse Bry, formada em Psicologia, Filosofia e Biblioteconomia, que publica o trabalho “Aspectos médicos da literatura: um esboço bibliográfico”. Em 1949, Lazarsfeld *apud* Orsini (1982) publicou um artigo intitulado “O uso da ficção na psicoterapia”, em que eram descritas as reações dos pacientes diante do texto e entre as linhas dos livros indicados, chegando a muitas conclusões; o ponto interessante deste trabalho é que ele serviu para que a autora iniciasse um processo de auto-conhecimento, ressaltando dessa forma a necessidade de uma profunda auto-análise para qualquer pessoa que pretenda trabalhar com Biblioterapia. Ainda em 1949 surge o primeiro Ph.D. em Biblioterapia, com Caroline Shrodes defendendo sua tese de dissertação “Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental”, lançando as bases da Biblioterapia atual. Em 1951, surgiria o segundo Ph.D., Esther A. Hartman, da Universidade de Stanford, com a tese “A literatura imaginativa como uma técnica projetiva: um estudo de Biblioterapia”. (RYAN *apud* ORSINI, 1982).

Segundo Ryan *apud* Orsini (1982), a Biblioterapia é uma arte, e não uma ciência. Atualmente a Biblioterapia é um campo de produção científica e de atuação profissional que envolve médicos, psicólogos, educadores, bibliotecários, assistentes sociais, psiquiatras e terapeutas de diversas correntes.

A Biblioterapia foi definida pela primeira vez no Dorland’s Illustrated Medical Dictionary, em edição de 1941, como o emprego de livros, através de literatura dirigida, no tratamento de doentes mentais (RATTON, 1975). O Webster’s Third Internacional Dictionary *apud* Ratton (1975, p. 15), em edição de 1961 apresenta seguinte definição: “Uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia”, além de “Guia na solução de problemas pessoais através de leitura dirigida”, sendo esta última definição adotada como oficial pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições. Ruth Tews definiu Biblioterapia como um programa de atividades selecionadas que envolvem materiais de leitura planejados, utilizado de forma conduzida e controlada, para tratamento de problemas emocionais, sob orientação médica (ALVES, 1982).

Após revisitarmos esses autores, podemos ir mais além, no que concerne conceituar a Biblioterapia como um processo terapêutico baseado na literatura, que utiliza materiais diversos e selecionados (materiais bibliográficos ou não), com o objetivo de estimular *insight* através da leitura e de atividades lúdicas. A Biblioterapia se constitui então num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Devido ao fato de ter desenvolvido principalmente no ambiente dos hospitais e clínicas de Saúde Mental, a Biblioterapia foi aplicada quase de forma corretiva, e voltada para aspectos clínicos de cura e restabelecimento de pessoas com profundos distúrbios emocionais e de comportamento. O seu caráter preventivo foi descoberto posteriormente, sendo aplicado junto a crianças, adolescentes e jovens, em escolas, bibliotecas e centros comunitários, em trabalho multidisciplinar.

CONTANDO HISTÓRIAS PARA VIDA: (re)pensando o papel do bibliotecário

O papel do bibliotecário na aplicação da biblioterapia é muito discutido e depende da sua formação em outro campo científico específico; levando-o a ter uma inclinação e atuação mais educacional, psicológica ou médica. (PEREIRA, 1996).

Alguns autores recomendam que este profissional apenas deve selecionar o material a ser utilizado, outros acham que após um treinamento especial ele estará apto a aplicar a biblioterapia (ALVES, 1982). Não sendo os únicos a atuarem neste campo, e podendo vir a atuar em conjunto com os profissionais das mais diversas formações e tendências (psiquiatras, assistentes sociais e outros), o papel do bibliotecário na biblioterapia é definido, em grande parte pela formação profissional específica do bibliotecário e sua interação com estes outros profissionais. O contexto no qual o programa é planejado e aplicado, os objetivos que pretende atingir, e os usuários aos quais se destina são outros fatores determinantes.

A literatura especializada, no entanto, já estabelece algumas diretrizes básicas a serem seguidas pelo bibliotecário na elaboração e conclusão do processo bibliotecário (RUBIN *apud* MARCINKO, 1989), sendo desnecessário dizer que este rol não é exaustivo e sua aplicação deve estar adequada à formação profissional do bibliotecário e profissionais responsáveis pelo programa. Dentre essas diretrizes temos:

- . escolher um local adequado para a realização das reuniões do grupo;
- . formar grupos homogêneos para leitura e discussão de temas previamente escolhidos; organizar listas de material bibliográfico adequadas às necessidades de cada grupo, e escolher outros materiais (filmes, músicas), de acordo com a idade e necessidades a nível cultural e social dos participantes;
- . selecionar materiais que contenham situações familiares aos participantes do grupo, mas que não precisam necessariamente conter situações idênticas às vividas pelas pessoas envolvidas no processo;
- . preferir materiais que traduzam de forma precisa os sentimentos e os pensamentos das pessoas envolvidas sobre os assuntos e temas abordados, com exceção de materiais que contenham uma conotação muito negativa do problema, como poesias sobre suicídios, por exemplo;

Além destas regras básicas, é possível ocorrer também uma maior interação do bibliotecário com o processo de análise e conhecimento que é próprio da Biblioterapia enquanto processo terapêutico, seja sob o aspecto cognitivo ou afetivo. Este processo subjacente também é afetado pela existência ou não de uma formação profissional específica para atuar neste processo.

O PERCURSO METODOLÓGICO

O LOCAL E OS ATORES ENVOLVIDOS NA PESQUISA

O espaço físico adequado caracteriza um espaço de luta e sobrevivência para aqueles que não possuem um lar e nem família. O abrigo de idosos onde foi realizada nossa pesquisa denomina-se Associação Metropolitana de Erradicação de Mendicância (AMEM), está localizado em uma reserva florestal nas proximidades da cidade de Cabelo, Estado da Paraíba. A AMEM, abriga idosos que levaram para lá práticas e saberes provenientes de diversos âmbitos, pertencentes à sua história de vida. Observar esse espaço quanto às suas rotinas é desvendar a realidade dessas pessoas, que geralmente, forma abandonas pela família.



Fachada da AMEM, 2004

Atualmente residem na AMEM 47 (quarenta e sete) idosos, a saber: 19 mulheres e 28 homens, cuidados por 04 cozinheiros, 05 auxiliares de serviços gerais, 01 lavadeira, 01 auxiliar de enfermagem, 02 coordenadores, 01 cardiologista e 01 dentista e 02 clínicos gerais (voluntários). Não há critérios pré-estabelecidos para que os idosos residam na AMEM, geralmente são elencadas as seguintes exigências: ter vaga, haver adaptação por parte do idoso, que ele seja abandonado.



Foto: Idosos reunidos para participar das leituras, AMEM, 2004.

Os idosos residentes na AMEM são provenientes do Estado da Paraíba e de Pernambuco. E se enquadram na faixa entre 55 a 75 anos de idade. Todavia, para a realização desse estudo só foi possível trabalharmos com oito idosos, 17% desse universo, haja vista o restante não possuir condições fisiológicas, e neurológicas, nem apresentar disposição, nem discernimento para participar das atividades. Quanto às condições físicas, encontramos: idosos deficientes acamados e idosos sem nenhum problema físico, portanto, levam sua vida normalmente, sem depender de ninguém para desenvolver as rotinas do dia-a-dia. Quanto ao nível de escolaridade dos entrevistados, três não lembram; dois possuem o curso primário; dois não têm escolaridade (sendo um auto-didata); e um possui o curso secundário.

A pesquisa foi realizada no mês de janeiro de 2004, nos dias de sábados de 08 às 14:00 horas. Nesse período, desenvolvemos atividades biblioterapêuticas com idosos, que compreenderam atividades lúdicas de leitura (leitura livre de contos clássicos, livros de literatura infanto-juvenil e de revista semanais, escolhidas pelos participantes)

A MATURIDADE NA FLOR DA PELE

AS FALAS DOS IDOSOS E AS CATEGORIAS DETECTADAS: articulando conhecimentos e visão de mundo

Depois de muito caminharmos juntos aos idosos do AMEM, nessa empreitada, partilhamos extensas e profundas histórias de vida. Pretendêsemos nós aqui rememorar-las, seria risível, não só por carecer de lastro enciclopédico para tal empreendimento, mas porque

extrapolaria o proposto neste estudo. Todavia, a nossa preocupação constante de ser clara e objetiva nessa etapa da pesquisa nos levou a destravar as exigências gramaticais, para optarmos pelo uso da linguagem solta dos entrevistados e, se mais liberdade não tomamos foi para não sermos mal interpretados.

Esta parte expõe as passagens e as falas dos idosos envolvidos na investigação, nela está patente que vivenciamos situações carregadas de subjetividades, pois, conseguimos penetrar no imaginário social, (re) construindo relações a partir de ações e de significações. Coletamos dados, ouvindo, anotando e gravando. Isto nos possibilitou ver e ouvir fatos e detalhes no intuito de buscar *verdades* além das aparências. Os relatos dos oito participantes levaram-nos a identificar diferentes indicadores para caracterizar a visão que cada um tem de si em relação a leitura.

Através do vivenciar da técnica da escuta sensível proposta por Barbier (1993), tornamos a entrevista também sensível, porque esse momento de diálogo nos fez compreender o contexto simbólico dos idosos e o sentido de tecer uma rede de relações em uma dimensão contextual múltipla, a partir das construções mentais e afetivas do sujeito no contexto observado.

Solicitamos nessa etapa que falassem das suas vidas, das suas experiências e o que esperavam do futuro, para podermos cruzar as falas e atitudes contidas no nosso diálogo. Assim, tivemos condições de formular questões mais específicas e mais condizentes com os objetivos dessa investigação, tais como: *A leitura ajuda você em algo? Em quê? Essa história que você ouviu tem algo a ver com você? Por que você está aqui na AMEM? De que, mais você sente falta agora?* Todas essas questões foram relevantes, pois começávamos a tecer os fios que nos conduziram a captar o sentido da Biblioterapia no mundo de carências e ausências dos idosos, e, assim, caminhar em direção aos objetivos do nosso estudo.

Apesar de uma parcela considerável dos idosos envolvidos na pesquisa não saber ler e escrever, o envolvimento gerado foi significativo, a partir do momento que observamos o interesse, e a ansiedade na participação nas atividades propostas. A narração de fatos e acontecimentos, a contação de histórias, as lembranças do passado, foram passagens que marcaram a trajetória dessa pesquisa. Nas rodas de conversas que eram consequência natural destes encontros, foi possível descobrir uma variedade de mundos e de experiências riquíssimas.

A expectativa de conhecer e mergulhar nesses mundos, foi para alinharmos argumentos que possam validar a Biblioterapia como uma prática capaz de fazer os idosos esquecerem as limitações peculiares às derradeiras fases da vida, haja vista, acreditarmos que as técnicas biblioterapêuticas podem fazer crer na possibilidade de um envelhecer feliz. Assim, recordando e registrando as falas dos idosos, passamos a categorizá-las para uma posterior análise dos dados obtidos.

A sistematização foi o meio escolhido para organizar e categorizar as informações pertinentes ao nosso estudo. A partir dela, construímos uma série de elementos indispensáveis para sedimentar o processo de análise de dados em categorias temáticas.

De posse dos indicadores detectados nas falas coletadas, criamos as seguintes categorias: auto-conhecimento / velhice, relacionamento com a família e os jovens, chegada na AMEM e Biblioterapia. Vejamos a seguir os resultados alcançados em cada uma delas:

AUTOCONHECIMENTO/VELHICE – compreendido como os mecanismos inconscientes marcados pelo reconhecimento da velhice.

Entre os vários momentos cruciais da vida, certamente um dos mais marcantes é aquele em que nos perguntamos se estamos ficando velhos. Diante do inexorável avanço da idade, observamos que varia muito a atitude das pessoas que atingem a chamada terceira idade. Uns se retraem, outros recusam mudar a rotina; há até quem passe a fazer coisas que deixou para trás, como que na tentativa de recuperar o tempo perdido. Isso nos leva a algumas

indagações: O que é a velhice? Qual é o seu limite? Como o corpo e a mente reagem à passagem dos anos? A velhice para os sujeitos de nossa pesquisa, é vista sob um prisma positivo, haja vista que não aceitam ser denominado de velhos por conta de acreditarem que este termo leva a entender alguma coisa ultrapassada, sem valor, o que, segundo eles, não são. Podemos constatar esse fato, a partir das falas registradas, vejamos:

“Para mim a velhice é discriminação, eu não me considero velha, ultrapassada. Eu sou atualizada”. (Entrevistado 03)

“Eu não considero velhice, eu considero vida prolongada. Porque muita coisa que fica, que não desaparece com a idade. E o que é isso? É o prolongamento de nossa vida”. (entrevistado 05)

“Velha eu não sou, afinal sou finalista da maratona da vida, pois estou aqui”. (Entrevistado 02)

“o importante é não pensar na velhice e ir tocando a vida com fé e força de vontade”. A velhice é um estado de espírito e o que conta é manter uma atitude positiva diante da vida. “Uso maquiagem, ponho meu relógio de ouro, saio de casa. Rezo todos os dias, peço a ajuda de Deus, faço minhas obrigações com gosto e pronto”. (Entrevistado 01)

RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA E OS JOVENS – interpretado através das relações que indicam negação, confirmação ou reversão da realidade enfrentada.

Este é o ponto em que eles mais aparentam ter uma homogeneidade nas falas, ou seja, eles falam e demonstram ter experiências muito próximas, já que vivenciam um ponto em comum, a saudade.

“Não sinto falta da minha família, porque quando eu fiquei inválida, todos já estavam dispersos. Aí eu peço conformação a Deus”. (Entrevistado 01)

“Sinto falta da minha mãe. Do meu pai também, apesar dele me bater, mas era para ensinar que o certo era o certo e não o errado. Minha mãe me dava carinho e dizia o que fazer nas horas”. (Entrevistado 05)

A visão deles quanto aos jovens é, em nossa opinião é bastante positiva, tendo em vista que em nenhuma das conversas foi percebido algum tipo de despeito ou mesmo de crítica a atual geração.

“Eu acho o jovem de hoje muito mais estudioso do que o jovem do meu tempo. Em capacidade, em oportunidade, mas as autoridades não aproveitam os jovens como deveriam” (Entrevistado 04).

“Meu conselho para o jovem é que ele admire o mundo desenvolvendo o que tem de melhor e confiar no Senhor”. (Entrevistado 06)

Não podemos exigir estima da parte de todos que lidam com idosos, mas que sejamos atenciosos, compreensivos e cooperativos, bem que podemos ser. Não podemos demonstrar enfado, comiseração e que policiem suas palavras. Censuramos, sem consentir desculpas

àquelas famílias que abandonam, discriminalizam e marginalizam seus idosos. De todos reclamamos compreensão e tolerância, um bom inter-relacionamento entre gerações.

Os dados retirados dos discursos, de certa forma, contradizem (ou não reforçam claramente) o nosso referencial teórico referente à questão de relações entre gerações, em que afirmamos geralmente que os idosos parecem fingir não conhecer essa problemática, permitindo que os mesmos a vejam sem pré-conceitos. Através dos indicadores sentimos que eles em várias situações sentem necessidade de atrair os jovens, para mostrar-lhes amor, carinho, ternura, alegria e ter deles mais energia.

CHEGADA NO AMEM : o porto seguro

Ao contrário do que pensamos, a vinda dos idosos para a AMEM não se deve somente pelo abandono familiar, ou mesmo motivado por conta de ausência de uma casa, como um dele mesmo disse:

“Estou aqui porque minha casinha estava para cair, ai a doutora foi lá, viu e disse que eu deveria morar aqui até ela juntar um dinheiro e mim dá para construir ela de novo. É uma casa boa, mas falta um companheiro”. (Entrevistado 01)

“Eu to aqui porque meu filho mora no Bessa e tem problema de álcool. Ai eu não posso ficar em minha casa sozinha, deixei para ele e vim pra cá”. (Entrevistado 02)

Há também os casos em que se revela, mesmo que por entre as linhas ditas, que os familiares não aceitam o seu membro mais velho e o rejeita de modo a coloca-lo para fora de sua casa. Como no caso:

“Meu filho me trouxe para cá, para que ele pudesse arrumar a casa e me levar de volta. Ele tava desempregado e precisa arrumar emprego para arrumar a casa, ai ele vem me pegar de novo”. (Entrevistado 03)

BIBLIOTERAPIA COMO RECURSO PARA VIVENCIAR O MUNDO - Como os idosos pensam a leitura e de que forma as histórias lidas e contadas e as conversas informais estabelecem relações entre a leitura e a vida dos idosos, contribuindo para o enfrentamento da velhice.

A relação da leitura com eles é muito próxima, pois ela permite que os mesmos possam esquecer por um momento a sua própria situação em que vivem e até mesmo o lugar, longe dos parentes, do lar, do convívio com aqueles que criou e deu apoio. Ler para eles é o mesmo que vivenciar um novo mundo, estar em contato direto com a realidade alheia da deles, é como se eles se transportassem para fora dos muros da AMEM.

“A leitura para mim significa muito, porque considero não só um passatempo como uma fuga. E outro dia eu lendo uma matéria, li uma frase de Shakespeare [...] dizendo que manter-se ereto, é saudável, é admirar o mundo, aceitar o amor de uma delicada mulher e confiar no Senhor”. “Uma correção, a frase que li de Shakespeare foi: não importa as pedras que jogam no homem, mas o que ele faz das pedras”. (Entrevistado 01)

“Uma boa frase rende muito, para o sentimento da gente”. (Entrevistado 02)

“Eu adoro ler, não só porque a gente fica bem alimentada, bem atualizada. É um alimento para a alma”. (Entrevistado 04)

“A leitura eu acho tão importante para mim que eu acho um vício. Não é um hábito. É um vício. No dia em que eu não leio, eu não durmo. Eu posso até deixar de comer, de ler não”. (Entrevistado 03)

“A leitura é uma fuga, ela faz aceitar minha solidão. É uma fuga, é muito bom”. (Entrevistado 05)

“Eu me sinto bem quando estou lendo, contudo eu não me lembro de nada depois”. (Entrevistado 08)

“No momento em que eu estou lendo eu me lembro de muitas coisas, mas não dá reação não. É assim mesmo, a gente recorda e esquece”. (Entrevistado 07)

Comparando esta categoria com os indicadores, verificamos que as afirmações como estas são mais comuns nos participantes que sabem e gostam de ler. Assim, percebemos que a Biblioterapia permitiu aos idosos da AMEM terem momentos de integração, de socialização. Afinal, todos se encontravam, conversavam e trocavam experiências ao mesmo tempo em que adquiriam novos conhecimentos e novas informações. Foi visível a percepção de que a leitura trouxe mais estímulo para a vida de cada um deles.

No trabalho de leitura, foram relatados os fatos vivenciados e comentários sobre as leituras. Nessa etapa observamos o interesse dos idosos. Foram utilizados romances, contos, poesias, histórias e periódicos como VEJA, ISTO É, e outras que tratam da vida dos artistas, modas, assuntos atuais etc., evidenciando que o idoso não está alienado do mundo, que quer manter-se informado e deseja exercer seu direito de cidadania.

Ratton (1975, p. 207) recomenda uma pessoa mais jovem na execução deste tipo de atividade. O facilitador era jovem, havendo um perfeito entrosamento e acolhimento por parte dos idosos. Ficou comprovado que a leitura é capaz de promover o reajustamento ocupacional na velhice, a socialização e melhora a auto-estima.

Observamos, ainda que as experiências com leitura vivida pelos idosos, no AMEM, tem restrições e eles têm consciência disso. No entanto, esta questão não é empecilho para que eles sentem a importância de participar em atividades proposta pela Biblioterapia, quer sejam práticas de leitura, ou atividades lúdicas. Eles enfrentam esse desafio com garra, determinação e força de vontade, porque vivenciam diferentes e novas experiências sem a preocupação exagerada com os pré-conceitos e a discriminação que a sociedade manifesta.

Isso posto, podemos afirmar que a idade não é, e nem pode ser sinônimo de passividade e inatividade, de falta de referências adequadas para a execução de ações propícias pela Biblioterapia, na área da educação continuada, porque a Biblioterapia é o palco de encontros, incentivos a novos desafios, de participações estruturadas de caráter lúdico e prazeroso da vida, que rejuvenesce a cada momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos negar que nessa empreitada, os meses pareceram mais curtos e os dias também, realmente não paramos, nem o tempo, também parou. Foram dias de atividades continuadas, nos quais o fazer e o refazer pareciam uma constante. Todavia, procuramos não

contabilizar o tempo que se ia nem o que restava para finalizar a caminhada. Contudo, procuramos dar asas à imaginação. Concentramos-nos na realização desse trabalho, acreditando na máxima do filósofo inglês Thomás Hobbes: “Quando projeto, faço como se fosse viver eternamente. Quando realizo, faço como se fosse morrer no próximo instante”. Isso soava para nós como: podes sonhar, mas sempre com os pés no chão. Isso nos empurrou nesse curto espaço de tempo, para uma multiplicidade de leituras, que nos levou a um aprofundamento no estudo do problema da velhice e da Biblioterapia.

O tema que nos propusemos trabalhar, definido claramente no título da obra, motivou uma série de considerações compaginadas. Sumarizamos, não concluímos. Não podemos negar serem muitas as questões, as indagações e as incertezas no que tange o nosso estudo. Os benefícios acenados pela Biblioterapia aos idosos somente os logram, de imediato se diga, quem tiver forte autodomínio e for capaz de manipular adequadamente as próprias forças construtivas do espírito. Tal capacidade se não for inata ou razoavelmente adquirida por auto-educação através dos anos, improvisada não poderá ser.

Observamos que os idosos só adquirirão conhecimento quando têm interesse em possuí-lo. Contudo mesmo com o empenho da Biblioterapia, sem a ânsia de querer saber, informar-se e compreender, acumulam-se os informes à todos instantes levados ao cérebro pelas vias transmissoras, captados pelos órgãos do sentido. Todavia, observamos nem todos tiram proveitos do apreendido, seja por faltarem condições psíquicas ou por conviverem com pessoas que lhes possa despertar a atenção ou explicar o incompreendido.

Diante dessas reflexões descobrimos que a sensação de "velhice" vem acompanhada de um total desinteresse por novas descobertas, novos horizontes, o novo no caminho parece não causar expectativa. De repente, pode ser extremamente jovem e prazeroso descobrir algo novo na intimidade. Uma idéia refeita ou ampliada, uma opinião rejeitada em função de uma nova perspectiva: eis a juventude, em qualquer idade. Eis uma função terapêutica da Biblioterapia.

A experiência com a Biblioterapia com os idosos da AMEM alcançou o objetivo desejado, que era recreacional, ocupacional, sobretudo integrativa, rompendo as barreiras da vida, dos preconceitos e da discriminação, pelo menos naquele momento de socialização, haja termos observado que ao final de cada seção de leitura, a alegria, o dinamismo e a vontade de viver, estavam presentes no semblante de cada idoso, parecendo até que uma ruga a menos desaparecia lentamente das suas faces.

As histórias ouvidas pelos idosos parecem que ensinaram que todo transtorno tem um sentido antes e depois. Nelas os heróis e heroínas enfrentam obstáculos e aprendem na adversidade. Assim, pode acontecer com os atores dessa pesquisa, porque, até então, não acreditam que as histórias podiam dar sentido suas vidas e fazê-los acreditar que um dia voltariam a ser felizes.

Finalizamos, esperando termos respondidos a questão inicial desse estudo: Biblioterapia para o idoso: o que fica e o que significa? Aqui queremos salientar que o que ficou e o que significou poderá contribuir para a passagem de uma forma assistencialista de tratar, ou enclausurar o idoso, para uma forma de resgatar a história da pessoa humana representada por aqueles mais experientes, sem traumas, nem pré-conceitos, proporcionando espaços de socialização do conhecimento, espaço de cidadania, onde essas pessoas podem sentir-se bem, vivendo novas experiências.

À luz dessa reflexão não gostaríamos de concluirmos essa pesquisa, pois ainda há muito que explorar, Todavia, gostaríamos de finalizar fazendo nossas as palavras de Olavo Bilac: “Essas velhas árvores, mais belas que as árvores novas, mais antigas, tanto mais belas quanto mais antigas [...] Envelheçamos como as fortes árvores envelhecem na glória e na alegria da bondade, agasalhando os pássaros nos ramos, dando sombra e consolo aos que padecem.”

Abstract

The study intends to investigate the contribution that Bibliotherapy can provide to aged people, in regard to their life expectations and social "isolation", finding in the reading one of the roads for the dignity of human life. It is perceived that the insert of reading to this kind of groups, away of family and friends, is an important tool to make them believe in the certainty that they can be happy again. This research was accomplished in an institution named AMEM (Metropolitan Association of Eradication of the Begging), where old people are received without distinction of class, be of economical, social, race or religious credo. The 47 reside senior are assisted by 16 employees and volunteers of several areas, mainly from the health area. It was used as research method the qualitative approach, associated to the technique of sensitive listen, and as data collection instruments the interview, the tape recorder and the field diary. Bibliotherapy arises in this context as a propiciator element of emotional and psychological support to the senior that live in those institutions, in order to allow them a better life quality.

Keywords**BIBLIOTHERAPHY****OLD PEOPLE****REFERÊNCIAS**

ALVES, Maria Helena Hess. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. R. bras. Biblioteconon. e Doc., v. 15, n.1/2 p. 54-61, jan./jun. 1982.

BEE, Helen. O Ciclo Vital. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BERGER, Louise & MAILLOUX-POIRIER, Danielle. Pessoas idosas: uma abordagem global – processo de enfermagem por necessidades. Lisboa: Lusodidacta, 1995.

ESTATUTO DO IDOSO. Disponível em: <<http://www.google.com.br/estatutodoidoso>>. Acesso em: 01mar 2004.

FERNÁNDEZ VÁZQUES, Maria do Socorro Azevedo Félix. Biblioterapia para idosos: um estudo de caso no Lar da Providência Carneiro da Cunha. 1989. 140 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

GOMES, Maria Quitéria de Oliveira. A importância da leitura e o seu contexto na biblioterapia. 57p. (Monografia). Salvador, 2001.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. A invenção social da velhice. Rio de Janeiro: Copacabana, 1987.

MORAGAS, Ricardo Moragas. Gerontologia Social: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997. (Sociologia Atual).

NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/index>>. Acesso em: 01 de fev. 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Disponível em: <<http://www.oms.org>>. Acesso em: 01 jan 2004.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. *Comunicações e Artes*, n. 11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. Tradução de Nicolás Niymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. *Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas*. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

PINHEIRO, Edna Gomes. *Entre o sonho e a realidade: a leitura/informação como atribuição de sentido no contexto do câncer infantil*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). João Pessoa, 2001.

_____. *Biblioterapia para idoso: projeto renascer – um relato de experiência*. *Revista Informação e Sociedade*, João Pessoa, v.8, n. 1, 1998. p. 15-27.

RATTON, Ângela Maria Lima. *Biblioterapia*. *Revista Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198 – 24, set. 1975.

SALGADO, Sebastião. *Livro terra*. São Paulo: Schwarcz, 1997.

SIMÕES, Regina. *Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso*. 3. ed. Piracicaba: Unimep, 1998.

SINESIO, Neila Barbosa Osório. *Universidade da melhor idade: uma proposta salesiana para idosos*. Campo Grande: UCDB, 1999.